

COTIDIANOS, LITERATURA E PANDEMIA: (DES)CAMINHOS PARA PENSAR O PRESENTE

Anamaria Ladeira Pereira
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro.*
anamariatudojunto@gmail.com

Camila Santos Pereira
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Bolsista FAPERJ.*
fycamila@gmail.com

Fernando Pocahy
*Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) e do Programa de
Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS), vinculados ao Centro de Humanidades
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Produtividade em
Pesquisa do CNPq - Nível 2, Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Procientista
(UERJ-FAPERJ).*
fernando.pocahy@gmail.com

*Simpósio Temático nº 19 – ST 19: ESCRIVIVÊNCIAS DISSIDENTES E SUBALTERNAS
NA LITERATURA: REPRESENTATIVIDADE E SUBVERSÃO DO CÂNONE*

RESUMO

Em meio a uma crise ético-política, ecológica e sanitária sem precedentes, desde 2020 e sem previsão para o seu fim, encontramos, na literatura, (des)caminhos críticos e representativos de produções emergentes, a partir de narrativas das escritoras negras contemporâneas, Chimamanda Ngozi Adichie, nigeriana, e Igiaba Scego, italiana de origem somali. Em suas histórias observamos retratos de tempos desoladores, em que as composições discursivas dialogam diretamente com os cotidianos e encruzilhadas vivenciados durante a pandemia de Covid-19, na qual as incertezas e o extermínio legitimado pelas forças governamentais se acentuaram. É urgente ouvi-las, lê-las, mergulhar em seus universos literários tão tremendamente diversificados, sem o propósito condescendente de buscar entender as perdas que as autoras narram. São perdas profundas e pesadas demais para nos limitarmos a tentativas de entendimento. Em vez disso, nos propomos e convidamos a sentir essas dores desmedidas e, por meio delas, sermos cartografadas, afetadas pelos fluxos de vida que nos mobilizam. Quem sabe, assim, consigamos, de alguma maneira, preencher as ausências que nos esvaziam os avessos e nos paralisam diante do horror? Nessa perspectiva, buscamos na obra de Adichie e Scego, comprometidas com escritos de resistência e denúncia, outras

possibilidades de analisar as emaranhadas relações entre a literatura e o presente. De mãos dadas com essas escritoras e como resultado do entrelaçamento com os enredos de ambas, que, surpreendentemente, se conversam, bem como nos abalam e nos movimentam, nos questionamos sobre nosso lugar no mundo.

Palavras-chave: Escritoras Negras, Pandemia, Cotidiano, Literatura.

ABSTRACT

In the midst of an unprecedented ethical-political, ecological, and health crisis, since 2020 and with no prediction for its end, we find in literature critical and representative (un)paths of emerging productions, from the narratives of contemporary black writers, Chimamanda Ngozi Adichie, Nigerian, and Igiaba Scego, Italian of Somali origin. In their stories we observe portraits of desolate times, in which the discursive compositions dialogue directly with the daily lives and crossroads experienced during the Covid-19 pandemic, in which the uncertainties and the extermination legitimized by government forces were accentuated. It is urgent to listen to them, to read them, to dive into their tremendously diverse literary universes, without the condescending purpose of trying to understand the losses that the authors narrate. These losses are too deep and heavy for us to limit ourselves to attempts at understanding. Instead, we propose and invite ourselves to feel these unmeasured pains and, through them, to be mapped, affected by the life flows that mobilize us. Who knows, maybe, in this way we will manage, somehow, to fill in the absences that empty our insides and paralyze us in the face of horror? In this perspective, we seek in the work of Adichie and Scego, committed to writings of resistance and denunciation, other possibilities to analyze the entangled relations between literature and the present. Hand in hand with these writers and as a result of the intertwining with the plots of both, which, surprisingly, talk to each other as well as shake and move us, we question ourselves about our place in the world.

Keywords: Black Women Writers, Pandemic, Everyday Life, Literature.

IMPOSSÍVEL CALAR O QUE FAZ NOSSAS VEIAS VIBRAREM¹

Desde os primeiros passos, 2020 tornou-se o ano em que, crua e ferozmente, perdas e ausências se acentuaram em âmbito mundial. Está impraticável respirar. Vivemos uma crise ético-política e ecológica sem precedentes e sem previsão para o seu fim. O Sul Global agoniza e a América Latina se contorce buscando algum rastro de oxigênio para as suas débeis democracias, infectadas pelo vírus da racionalidade neoliberal. O SARS-COV2, que ataca nosso sistema respiratório produzindo a Covid, complexificou ainda mais os rarefeitos sistemas de proteção social e expandiu os mais cruéis modos de exterminar a vida. Vale lembrar que a humanidade estava longe de

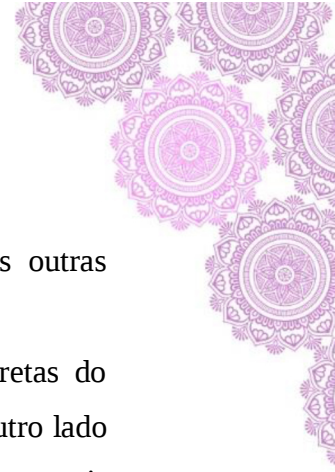
1 Referência a um verso do livro de Ryane Leão, Tudo nela brilha e queima (2017).

viver um mar de rosas antes do aparecimento do coronavírus, visto que, desde que o neoliberalismo avança, como faceta evoluída do capitalismo no pior sentido, vivemos num estado de crise intermitente. Nos momentos em que pudemos respirar sem a ajuda de aparelhos, ou seja, nos anos em que foram implementadas algumas políticas públicas que levaram em consideração a maioria do povo brasileiro, antes desconsiderado, poderíamos ter nos insurgido contra o capitalismo, naqueles entences nocauteado pelos avanços da classe trabalhadora.

Sempre poderíamos ter feito algo, no entanto, nos contentamos em crer que adquirir a linha branca de produtos para o lar ou começar a contar com certa expansão de possibilidades, para além do consumo, era garantia de uma sociedade redistributiva. Nessa crença distraída, direitos foram sufocados, deixamos a boiada da pastoral fundamentalista cristã passar. A população LGBTI+ peleou para assegurar o mínimo e muito pouco lhe foi garantido (a não ser por via judicial, não legislativa). Evidências da racionalidade neoliberal não estão apenas no lado chamado de direita, na política, mas incidem também sobre anseios revolucionários, muitos deles ainda bastante brancos e masculinos, diga-se de passagem.

Onde estaríamos, hoje, se tivéssemos, na primeira década do século XXI, aproveitado a onda mínima de bonança para enfrentar o monstro? Mais uma vez: não sabemos. Algo, contudo, precisamos reconhecer: não enfrentamos boa parte dos problemas, estávamos muito ocupadas e ocupados respirando. Era tão incrível a ilusão de que tínhamos o direito de respirar que não houve mobilização capaz de vencer a ofensiva da moral conservadora e economicamente ultraliberal. Atônitas/os, vimos o que se relaciona com o público, laico, participativo, sendo minado pela política do ódio e da destruição.

Infelizmente, para o mínimo de democracia, pode ser que, novamente, nossos direitos de minorias sejam barganhados, estejamos atentas; afinal, “é preciso primeiro fazer a revolução”, dirão os companheiros. Não há, porém, mudança estrutural sem a presença de pretas, indígenas – mulheres cis e trans e travestis, não há revolução sem a presença ativa de lésbicas, pessoas intersexo, bissexuais, homens trans e bichas pretas. Desse modo, nos ligamos aos micromovimentos, às microrrebeliões, à composição de mundos outros, em busca de novas epistemologias e desejos – todos esses que, por aí, se movimentam pelas artes do cotidiano, nas calçadas, praças e nos muros das cidades, nas



telas do cinema, na música e na literatura e até nas ciências, essas tantas outras artisagens² do viver e produzir o presente.

Nas horas de maior crise, o ar nos falta, incorporamos as pedras pretas do xadrez, de modo que nos cabe, majoritariamente, a defesa do nosso povo; ao outro lado do tabuleiro pertencem as primeiras e decisivas iniciativas de ofensivas. Trata-se mais de um jogo do que de uma batalha e há um fato, em meio a todas essas investidas geradoras de litros de dor impossíveis de enxugar, que não pode ser ignorado devido a sua extrema relevância. Fato este que não se resume à época pandêmica: “A doença atinge em especial os pobres, os negros e as mulheres ao redor do mundo. Isso se dá mesmo no interior de países ricos” (DAVIS; KLEIN, 2020, p.4).

Antes que os incautos julguem mera coincidência ou obra do acaso que os homens brancos sejam, em geral, os menos afetados, sobretudo os endinheirados, é necessário refletir a respeito do alvo das crises consistir em pessoas negras, mulheres e economicamente desfavorecidas. A estas está destinada, historicamente, a maior parcela de perdas, em qualquer circunstância. Neste texto, há um diálogo, especialmente, com Chimamanda Ngozi Adichie e Igiaba Scego, escolhidas devido à força de suas obras na abordagem literária de temas tão espinhosos como necessários em nossos dias, como o capitalismo, o colonialismo, o patriarcado e o racismo, que há mais de cinco séculos assolam os territórios latino-americanos e outras regiões fabricadas como subalternas.

Adichie e Scego, autoras negras, cuja voz na garganta pulou para os dedos e destes para as páginas. Escritoras aclamadas, premiadas, traduzidas para várias línguas. É urgente ouvi-las, lê-las, mergulhar nos seus universos literários tão tremendamente diversificados, sem o propósito condescendente de buscar entender as perdas que elas narram. Estas perdas são profundas e pesadas demais para nos limitarmos à tentativa de entendimento. Em vez disso, que tal nos dignarmos a senti-las e por elas sermos cartografadas, afetadas pelos fluxos de vida que mobilizam? Quem sabe, assim, consigamos, de alguma maneira, preencher as ausências que nos esvaziam os avessos e nos paralisam diante do horror-mundo.

2 O argumento encontra-se, aqui, com o devir docente de Sandra Mara Corazza (2009, p.109): “A artesanagem docente expressa-se pela exploração de meios, realização de trajetos e de viagens, numa dimensão extensional. Dimensão para a qual não são suficientes os traços singulares dos implicados no trajeto, mas, ainda, a singularidade dos meios refletida [na] docente que o percorre: materiais, ruídos, acontecimentos”.





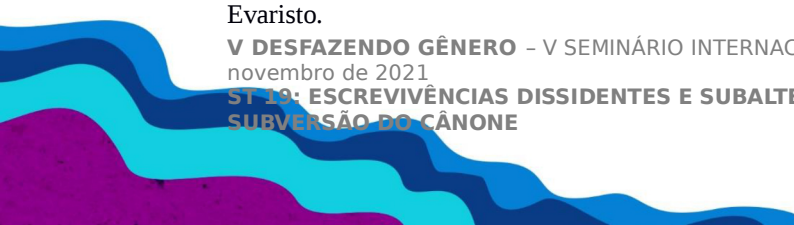
A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES³

Quem se distancia das lógicas mercadológicas do capitalismo global pode compreender a pandemia atual como mais uma maquinação da cruel disparidade produzida por esse sistema econômico. Sendo assim, é evidente que o estágio de distanciamento social e quarentena de forma alguma configuram uma experiência comum a todas as pessoas. Frequentes metáforas, como “estamos todos no mesmo barco”, insistem em nos induzir a acreditar numa suposta igualdade de condições nessa crise inédita na nossa geração. Não, não é verdade que “um vírus nos igualou”, como tem sido propalado nas searas da internet. Temos um mesmo inimigo, de fato, propagado pelo ar, mas uma metáfora mais justa poderia ser esta: estamos todos no mesmo mar, a maioria em canoas, jangadas; alguns em barcos minimamente seguros e uns poucos em navios, iates. Não é preciso grande desenvoltura na interpretação para perceber que figuras contrárias ao acesso de milhões de pessoas aos direitos humanos básicos continuam utilizando seu poder para obter lucro e preservar seu domínio. Seguem defendendo, por exemplo, de maneira alucinada, algo que também não conseguimos enxergar, a “mão invisível do mercado”. Com base no argumento da proteção da economia, observamos ações do governo federal que aumentam a vulnerabilidade de grupos que já se encontravam em situação precária, negligenciados pelo Estado.

A suposta “normalidade” não regressará, sobretudo porque um cotidiano de explorações e silenciamentos corresponde a um estado de desumanidade que não pode mais ser aceito como normal e como única alternativa. No campo educacional, percebemos as dificuldades de continuidade e engajamento nos estudos, com o atual ensino remoto. Essa nova prática expõe, mais uma vez, os atravessamentos dos marcadores sociais de raça, classe, geração e identidade de gênero, como categorias que evidenciam os obstáculos de uma educação classista e excludente. Por exemplo,

O confinamento à esfera privada do lar, consequência do isolamento social, assevera os problemas usuais do âmbito doméstico, que costuma figurar como lócus privilegiado de violência contra a mulher, além de ser o espaço onde o gênero feminino enfrenta a maior sobrecarga de trabalho não remunerado de cuidado e tarefas de gestão da casa (CANDIDO; CAMPOS, 2020, p.1).

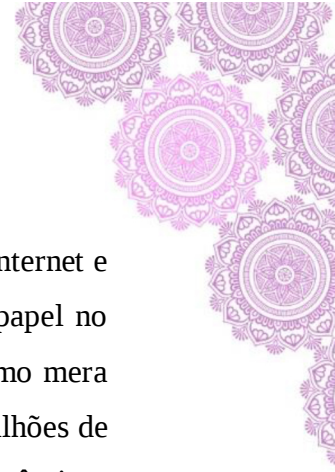
3 Referência a um verso do livro Poemas da recordação e outros movimentos (2017), de Conceição Evaristo.



As questões de gênero são imprescindíveis para analisar as participações e disponibilidades durante esse período. Principalmente, quando elas podem significar um aumento da violência, exclusão de oportunidades trabalhistas e acadêmicas. Ao refletir sobre o meio acadêmico atual, os índices de produtividade e avaliações são representativos de um campo que ignora a pluralidade de vivências das pessoas que produzem ciência no país. Durante um período em que as corporeidades já subalternizadas sentem os efeitos dilacerantes de uma pandemia, os parâmetros avaliativos, até então, não foram modificados com a intenção de incorporar as particularidades da quarentena. A única resistência parece ser aquela que ainda mantém o sistema em modus operandi já incorporado, não a que o questiona.

Os apontamentos de António Nóvoa (2015) nos alertam para os perigos das lógicas produtivistas desse ambiente. Há forte necessidade de nos posicionarmos contrárias ao que o autor caracteriza como “a tirania dos números”, visto que os dispositivos quantitativos de avaliação arruinam a verdadeira interação e o diálogo entre os pares. Nesse sentido, a liberdade e a criatividade também se veem na mira do controle, o que traduz-se na ameaça de fim da ciência e da educação, pois como é possível existir universidade e trabalho intelectual de qualidade sem a possibilidade de criar livremente? É preciso que nos desatrelamos do chamado “publicar ou perecer” (NÓVOA, 2015), cultura que torna-se ainda mais agressiva em tempos pandêmicos. Dessa forma, nossas apostas seguem na direção de uma produção ativista (e ativadora de novos sentidos e crítica social) em oposição ao ativismo produtivista (que aborda temas urgentes encapsulados pela ordem competitiva).

Outros marcadores importantes são o de classe social e raça. Assim como, na sociedade brasileira escravocrata, era “a raça que de fato determinava a posição social” (NASCIMENTO, 1978, p.55), na contemporaneidade, essas relações continuam intrínsecas. Em um país com a maioria da população autodeclarada negra, ainda sofremos, drasticamente, com os altos índices de vidas sequestradas e aniquiladas por condições perversas de existência. A sobrerrepresentação da juventude negra nas prisões do Brasil (BORGES, 2019) é parte integral de um sistema racista, machista e classista. O encarceramento em massa é um dos efeitos estruturantes para que se mantenham essas disparidades. A falta de acesso à educação e a evasão escolar são outros.



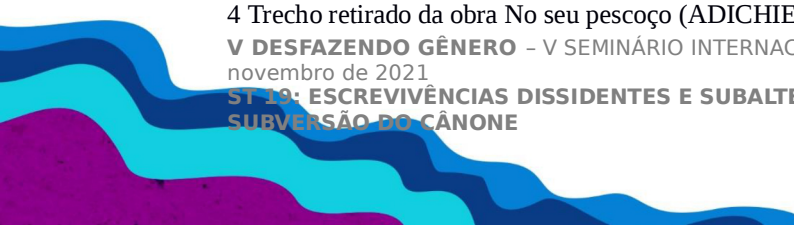
Com atividades realizadas apenas nos ambientes virtuais, os planos de internet e a condição financeira para adquiri-los passaram a ter um novo e inesperado papel no ensino. Antes, os celulares eram vistos, por muitas instituições educativas, como mera distração e até nocivos à aprendizagem; hoje, são a ferramenta principal para milhões de estudantes acessarem os conteúdos obrigatórios. Por isso, as características econômicas e raciais são fatores importantes para entendermos a desigualdade em relação à disponibilidade de aparatos para estudar. Ademais, deve-se considerar as condições físicas, distantes do modelo de uma sala de aula (que igualmente em muitas situações é bastante precária); o número de pessoas vivendo em um mesmo cômodo, as condições climáticas, a alimentação (quando a merenda escolar muitas vezes é a refeição mais robusta para muitas crianças e adolescentes etc.).

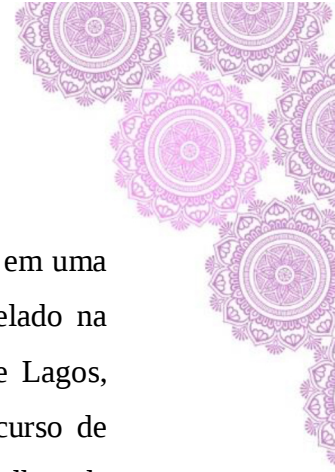
Uma breve localização de como muitíssimos cotidianos foram, especificamente, afetados pela pandemia, especialmente em relação à educação básica. Podemos, ainda, ampliar o escopo desta tragédia para espaços onde a distinção social e econômica, muitas vezes, se torna ainda mais cruel, em especial no seio universitário que permanece elitista. A partir dessas posições, será possível estabelecer, no fragmento seguinte, as conexões entre a obra de Chimamanda Ngozi Adichie e o momento carregado de tensões e desafios que o período de quarentena acarreta. Principalmente, por compreendermos sua escrita como uma ferramenta de representação, denúncia e resistência.

“LÁ FORA TEM PERIGO”⁴

Em 2017, chega ao Brasil o primeiro livro de contos da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, *No seu pescoço*. Já conhecida por publicações como *Americanah* (2014), *Meio sol amarelo* (2008) e *Hibisco roxo* (2011), nesse novo volume, nos proporciona uma viagem densa, em que elementos culturais igbos, como em seus outros livros, estão presentes. Em suas doze histórias, enfrenta, magistralmente, questões de identidade, política, amor e morte. Neste ensaio, iremos aprofundar nossas análises em um texto em particular: Uma experiência privada. Um conto eletrizante e visceral, que nos apresenta um cenário no presente, permeado por lampejos do que serão acontecimentos do futuro próximo. Temos duas personagens principais, nascidas no mesmo país, porém, de realidades extremamente opostas. Através de uma fuga, após

⁴ Trecho retirado da obra *No seu pescoço* (ADICHIE, 2017, p. 60).





a eclosão violenta de conflitos étnicos/religiosos na cidade, as duas se abrigam em uma loja abandonada. Lá, compartilham anseios. Apenas uma tem seu nome revelado na história, a de origem privilegiada, estudante de medicina na Universidade de Lagos, Chika. Durante toda a narrativa, preocupa-se com a irmã, Nnedi, aluna do curso de ciências políticas, pois esta desapareceu quando o tumulto começou. A outra mulher, de origem humilde, feirante, estava naquele dia vendendo cebolas enquanto sua filha vendia amendoim. O enredo traz um recorte das consequências dos conflitos entre grupos cristãos e muçulmanos na Nigéria contemporânea. As associações entre a narrativa e o nosso período de pandemia começam com o seguinte questionamento: como os embates pontuais, localizados em um território e culturas longínquos, geograficamente, podem refletir as disparidades que a quarentena provoca no Brasil?

Chika deixa evidente, com seus comportamentos e pensamentos revelados, que, para ela, estar naquela situação de fragilidade desesperadora era algo tremendamente improvável, antes de se ver dentro do cenário de guerra, acreditava-se imune àquela vivência. Nessa perspectiva, dialoga, diretamente, com os distanciamentos de um Ocidente presunçoso. Intelectuais progressistas pontuam como a pandemia era uma calamidade prenunciada. E, pior, que

As epidemias de que o novo coronavírus é a mais recente manifestação só se transformam em problemas globais graves quando as populações dos países mais ricos do Norte global são atingidas. Foi isso que sucedeu com a epidemia da SIDA/AIDS. Em 2016, a malária matou 405 mil pessoas, a esmagadora maioria em África, e isso não foi notícia (SANTOS, 2020, p.26).

A falta de conhecimento de Chika sobre as configurações profundas do conflito, do qual era refém, emoldura um retrato da classe média e das pessoas ricas, que pouco ou nada se comprometem em reconhecer as discrepantes desigualdades da sociedade em que vivem e pelas quais também são responsáveis, embora não se responsabilizem. Sendo assim, essa catástrofe do presente agrava as disputas pela sobrevivência de quem já lutava, diariamente, por existir e resistir, em um campo social minado pelas injustiças.

Ao se perceber aprisionada naquela situação assustadora e de intensa preocupação, Chika pondera que “ela e a irmã não deviam ter sido afetadas pela onda de violência. Esse era o tipo de coisa sobre a qual a gente lê nos jornais. O tipo de coisa que acontece com as outras pessoas” (ADICHIE, 2017, p.55). Enquanto isso, a personagem sem nome, chamada apenas de “a mulher”, afirma: “Toda vez que tem



violência, quebram o mercado” (ADICHIE, 2017, p.56), demonstrando já ter presenciado ou sofrido as consequências de outras confusões daquele tipo e não imaginar-se imune a elas. É simbólico que a personagem desprivilegiada não tenha nome; ela é ela, mas é também milhares. Apesar disso, dessa coletividade inerente à sua vida, julgada por Chika como imersa em simplicidade, o conto pincela várias das particularidades de “a mulher” e se aprofunda em seus sentimentos e anseios pessoais, de modo que é possível sentir seu desespero e sua dor. Especialmente impactante o quanto Chika e seus preconceitos são expostos, demonstrando a forma como esta, que é estudada, viajada e endinheirada, enxerga a outra mulher, com seu forte sotaque da etnia hausa e suas frases repletas de erros gramaticais. “Chika sente uma pontada de culpa ao se perguntar se a mente daquela mulher é ampla o suficiente para compreender tudo aquilo” (ADICHIE, 2017, p.55-56).

O abismo entre as duas protagonistas, provocado por diversos motivos, é evidenciado pelas questões de classe, que estabelecem o apagamento de causas e lutas seculares. As contribuições dos pensamentos decoloniais, de feministas negras, *queers*, de pessoas (pre)ocupadas com uma prática de vivência crítica e de confronto às normas hegemônicas, possibilitam perceber os laços inseparáveis dos marcadores sociais da diferença. Portanto, podemos nos utilizar da perspectiva interseccional para compreender as linhas construídas socialmente, que separam os percursos das mulheres que Chimamanda apresenta. A autora, não apenas nessa história, mas ao longo de todos os contos de *No seu pescoço*, traduz, para além dos domínios acadêmicos, uma leitura dos atravessamentos das desigualdades expostas e problematizadas, de forma pioneira, pelas mulheres negras.

Os movimentos sociais precursores tensionavam as iniquidades vivenciadas e não discutidas, “porque racismo, exploração de classe, patriarcado e homofobia, coletivamente, moldavam a experiência de mulher negra, a libertação das mulheres negras exigia uma resposta que abarcasse os múltiplos sistemas de opressão” (COLLINS, 2017, p.8). Dessa forma, é possível estabelecer que a destruição de um sistema social de opressão não está restrita a uma causa particular. O paralelo autorreflexivo e desconfortante da história reside em perceber que estar envolvida com causas políticas, em um ambiente acadêmico, como Nnedi, ou participar de maneira menos comprometida como Chika, também denotam um certo privilégio.

O mundo que habitamos está em colapso há séculos. As conexões globalizadas e neoliberais, adotadas pela maioria dos países, funcionam como palco para a pandemia de Covid-19 e de outras epidemias que já são anunciadas para um futuro próximo. A mulher não nomeada na narrativa provoca alguns pensamentos na personagem principal que a localizam em um meio social desigual. No Brasil, há um longo histórico de povos, movimentos e organizações nomeadas, enfrentando, diuturnamente, instituições hegemônicas que insistem em apagá-los. Por exemplo, a defesa dos seus territórios pelos povos guaranis, e centenas de outros povos indígenas, da época da grande invasão portuguesa, documentada em livros⁵, e da época das invasões atuais e seus genocídios, que ainda hão de ser documentados; a Revolta dos Malês (1835), luta de pessoas escravizadas, de maioria muçulmana, pela liberdade, em Salvador da Bahia, descrita em *Um defeito de cor*, romance mais do que necessário, obrigatório, da escritora brasileira, também negra, Ana Maria Gonçalves; o Movimento Negro Unificado (MNU), que organiza ações e debates acerca das desigualdades raciais há mais de quatro décadas.

As movimentações são muitas em meio às adversidades. Elas comprovam a resistência como parte pulsante de contundentes trajetórias. Surpreendentemente, a pandemia e o colapso social se insurgiram nas preocupações ocidentais dominantes. Como nos alerta o filósofo Ailton Krenak: “se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (2020, p.4). Consternadas, acompanhamos movimentos impulsionados pelo governo federal que intenta exterminar os povos que ainda resistem aos quinhentos e tantos anos de massacre. E, estarecidas, aventamos a hipótese de que a pandemia pode ser, inclusive, uma das armas da máquina de morte do atual governo para esse fim, além das queimadas.

Assim como as personagens principais do conto de Adichie procuraram um refúgio, em meio à onda de violência motivada por questões religiosas, muitas pessoas, na atualidade, encontram em suas casas um espaço seguro para escapar de um perigo invisível que se espalha no ar. As medidas pós-quarentena, contudo, não podem servir

5 Neste trecho, Ailton Krenak descreve o processo do movimento colonizador: “Um sujeito saía da Europa e descia numa praia tropical e largava um rasto de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI” (Ailton KRENAK, 2019, p.34).

para a manutenção de um sistema desumano, em que milhões de pessoas vivem em situação de rua, expostas aos mais diversos riscos, intensificados pelo período pandêmico. Se moradia é um direito, como há tantas pessoas desamparadas durante a crise do novo vírus, cuja mensagem de ordem é ficar em casa? Quem lucra com tanta iniquidade?

A literatura, quando comprometida com a realidade, além de nos abrir portas para outras facetas da vida, nos permite enxergar com outras lentes o que acreditamos dado e impossível de ser visto de outro jeito. Como exemplo disso, Nnedi, a irmã desaparecida de Chika, no conto de Chimamanda, explica “que as ondas de violência não acontecem do nada, que a religião e as etnias muitas vezes são politizadas porque o governante fica a salvo quando os governados famintos matam uns aos outros” (ADICHIE, 2017, p.55).

Em suma, o conto exhibe conflitos políticos, morais e sociais, em outro continente, no entanto, tão carregado de sentimentos comuns a todos os seres humanos, que a pessoa leitora intui que foi transportada para dentro das páginas, tão forte é a sensação de proximidade com as personagens. Tal feito é alcançado ao retratar uma vivência universal, a do encontro. Talvez muito mais do que uma experiência privada, como expressa no título, Adichie nos apresentou uma experiência compartilhada, a partir de origens díspares e, ainda assim, com traços conhecidos e (re)construídos no nosso território.

MINHA CASA É ONDE ESTOU

Título do romance imperdível da italiana, de família somali, Igiaba Scego, dialoga com o momento que vivemos. Publicada no Brasil dois anos antes da pandemia e lançada originalmente, na Itália, há uma década, a narrativa autobiográfica conduz os olhos leitores por inúmeras transformações vividas pela autora, por pessoas de sua “coluna vertebral afetiva” (SCEGO, 2018, p.94) e seus antepassados próximos. Os cenários são a Somália e a Europa. Aborda sobretudo o exílio, a política, os laços familiares, a negritude e diferentes perspectivas de construção identitária. “Sou negra e italiana. Sou também somali e negra” (SCEGO, 2018, p.28). Pertencer à chamada segunda geração ou geração incerta, como Igiaba nomeia, semeia milhares de dúvidas, dispõe novos mapas a serem traçados. Além de passos titubeantes entrecortando

ausências e “um tipo de melancolia que se sente quando se está ou quando se foi muito feliz, mas na alegria se insinua um leve sabor amargo”. Assim, Igiaba Scego descreve a “saude de exilados da própria terra mãe” (SCEGO, 2018, p.11). Essa dor é um dos pontos de partida para a história que ela descortina, saltando do presente para o já vivido e de um continente para outro. Nesses zigue-zagues, segue de mãos dadas com quem a lê, de modo que não nos perdemos durante a saga. Em vez disso, nos encontramos, ainda que em outra realidade, numa estrada que podia ter sido trilhada por nós.

Scego desvenda, em algumas passagens, o mundo ancestral, com as fábulas contadas em volta da fogueira, na infância nômade de sua mãe, na Somália; tragédias como a ascensão do fascismo na Itália e o neonazismo da atualidade, em países europeus. Por exemplo, a Finlândia, da qual não é comum que nos cheguem notícias que a qualifiquem como “a terra dos *skinheads*”: “Nas ruas do subúrbio de Helsinki, onde vivia, sentia sobre si olhos ferozes e maldosos” (SCEGO, 2018, p.13), comparando a sensação com as da véspera de uma guerra civil. Nada muito distante do vivenciado, mundo afora, por pessoas imigrantes e despossuídas, muitas vezes consideradas indesejáveis e descartáveis, portanto, mais suscetíveis a terríveis acontecimentos, que sem grandes dificuldades seriam evitados com um mínimo de disposição política nesse sentido.

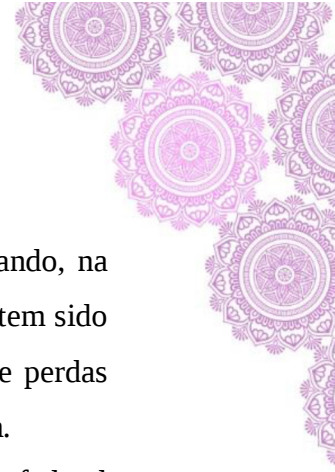
A comparação com o conto “Uma experiência privada”, analisado anteriormente, faz-se a partir do momento em que entendemos a mãe de Igiaba Scego, Kadija, como uma possível mulher não nomeada, tal e qual a feirante, caso sua história fosse narrada por alguém que menospreza sua sabedoria. Essa senhora pode nunca ter aprendido a escrever nem ter lido um livro do início ao fim, pode também misturar o seu idioma materno com o italiano, cometendo o que costuma ser apontado como erro, ainda assim, Igiaba afirma: “é a pessoa menos ignorante que conheço” (SCEGO, 2018, p.68). Fazendo um paralelo com Halima, a filha da mulher com quem Chika vivencia insólitos momentos, no conto de Adichie, a menina, sem dúvida, também valorizava o conhecimento de sua mãe. Kadija, deve ter encontrado algumas Chikas em sua trajetória. Embora sejam personagens de diferentes histórias de ficção, na realidade, muito provavelmente, ocupariam cenários semelhantes.

A mulher forte, antes nômade, representada pela mãe somali da escritora italiana, capaz de, em diversos percalços, remapear sua vida, superando tribulações e reconstruindo caminhos, também passou por situações em que foi diminuída por quem julga o diferente de si como inferior. Vale atentar para o fato de que nós somos as pessoas diferentes se a mirada e o julgamento vêm do outro lado. Trechos impactantes descrevem as diferenças entre Itália e Somália, nas maneiras de parir e criar a prole. Kadija afirma: “Mas aqui onde está o tempo das mulheres? (...) Se isso é o progresso, eu não gosto. Quero uma vida diferente” (SCEGO, 2018, p.58). O que teria contado a mulher não nomeada se fosse ela, de fato, a protagonista da história e se fosse a partir de seus olhos, prioritariamente, que a narrativa apresentasse a saga das duas mulheres no esconderijo, durante a onda de violência, em *Uma experiência privada*?

Há feridas abertas nas quais “o terceiro mundo se debate com o primeiro e sangra. Carrego essa ferida na minha caixa torácica” (SCEGO, 2018, p.84). Incontáveis suturas são necessárias para fechar os cortes provocados pelo silenciamento de narrativas que “vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente” (KRENAK, 2019, p.10). Felizmente, outras vozes têm sido as narradoras de vários enredos que vêm sendo publicados, expondo outros gozos, outras dores e alegrias particulares. As escritoras mencionadas neste trabalho, todas elas, amplificam possibilidades de que novos ângulos sejam encarados e não mais apenas os costumeiros, que as ausências sejam marcadas com tanta força que se façam mais presentes do que certas presenças sempre as mesmas.

COM A INTENÇÃO DE QUE A CONVERSA SE ESTENDA, EM VEZ DE ENCERRÁ-LA

A literatura nos tem feito companhia durante esse período inacabável e através dos mergulhos que demos em mares de letras, dos quais saímos, de alguma maneira, renovadas, este trabalho pôde ser gestado e parido, coletivamente. As afinidades de quem tece estas páginas desaparecem um pouco quando se trata de trajetórias de vida, gênero, geração, pertencimento racial e socioeconômico, inclusive. Andamos de mãos dadas com os livros literários e com os acadêmicos também e com alguns que talvez pudessem pertencer aos dois ramos, uma única árvore, galhos a perder de vista, nos



penduramos e, assim, seguimos. Este trabalho, sem o intuito de concluir, visando, na verdade, ir além, termina dando um salve à literatura, essa que nos salva e que tem sido âncora, escafandro e boia, ao mesmo tempo, nos livrando de afogamentos, de perdas ainda mais duras e de múltiplas impossibilidades de perceber as vidas de outrem.

Impossível deixar de trazer à tona, a proposta criminosa do atual governo federal de taxar livros⁶, com a desculpa, ainda mais absurda, de que são produtos de elite. Assombrosamente, o poço reatualiza o seu fundo, a cada dia, no Brasil. De fato, ignorávamos o quanto seríamos capazes de descer. Nos últimos dez anos, quantas novas vozes surgiram nos livros, muitas mais mulheres sendo publicadas e lidas, especialmente mulheres negras, muito mais gente se dedicando a leituras. Além disso, vale ressaltar que as discussões sobre a violência doméstica sofrida por mulheres e por LGBTI+ vinham ganhando cada vez mais espaço nos veículos midiáticos e acadêmicos. Nesse período de crise, são marcadores incontornáveis para refletir sobre o que vimos passando.

As questões de raça e classe também se encontram em um patamar imprescindível para análise. Então, nos juntamos a tantos brados que questionam, indignação na veia, sobre a motivação dessa lei esdrúxula para taxar livros? Conhecimento é poder, frase batida, clichê, apesar disso, extremamente fundamentada. Igiaba Scego, na obra que analisamos, menciona um general italiano sanguinário, especialista em guerras coloniais que liderou massacres que mataram milhares de pessoas e perseguiu deliberadamente os contadores de histórias, pois “considerava os poetas culpados de incitar a população” contra o poder (SCEGO, 2018, p. 80).

Isso se deu há quase um século e seguem acontecendo ataques parecidos, com as mesmas raízes apodrecidas, com os mesmos sórdidos propósitos. E nós, que também somos contadoras de histórias e poetas e que amamos ouvir histórias e poesias, olhamos para essa proposta abjeta de reforma tributária e só podemos descrevê-la como um ataque às novas vozes, supostamente para salvar a economia. Por que, em vez de livros, não taxam as grandes fortunas? Ao dizer eles, sem especificar de quem se trata, parece uma entidade, algo etéreo e não real. “Como é possível esquecer que há gente por trás disso? Gente com “nome, endereço e até conta bancária, e que conta! São os donos da grana do planeta e ganham mais a cada minuto espalhando shoppings pelo mundo”

⁶ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/por-que-taxar-os-livros-pode-gerar-retrocesso-social-e-economico-no-pais/>



(Ailton KRENAK, 2019, p.11).

Todas as escritoras de livros literários, citadas aqui, são mulheres negras. Este texto também as homenageia em seu combate contra o imenso “perigo de uma história única”⁷, que nos vem sendo contada desde tempos imemoriais. É preciso manifestar-se contra todas as formas de ataque à literatura e ao livro, que só irão aumentar, como um abismo, as desigualdades, e seguir lutando para que enredos originários de outras vozes nos cheguem, e arranquem as cortinas de nossas janelas diante da existência-resistência. Tendo em mente que podemos inventar múltiplos mundos neste único planeta que habitamos e lembrando sempre, e pondo em prática, que em uma única vida cabem várias.

⁷ *O perigo de uma história única* é uma versão em livro da primeira fala feita por Chimamanda no programa TED Talk, em 2009. Dez anos depois, o vídeo é um dos mais acessados da plataforma, com cerca de 18 milhões de visualizações.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de mulheres. *Blog DADOS*. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/> Acesso em: 27 jul. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Revista Parágrafo*, São Paulo, v.5, n.1, p. 06-17, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559> Acesso em: 30 out. 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. *Periferia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 91-110, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3422/2348> Acesso em: 30 out. 2020.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.

LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Planeta, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NÓVOA, António. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação?. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-272, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n1/1517-9702-ep-41-1-0263.pdf> Acesso em: 30 out. 2020.

SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. São Paulo: Nós, 2018.

